

E baixou-se o vidro: a experiência de resistência urbana do jornal Boca de Rua ⁽¹⁾

Manoel Luce Madeira ⁽²⁾

Resumo

Este artigo aborda o Boca de Rua, jornal escrito por moradores de rua da cidade de Porto Alegre. O texto tenta contextualizar de forma sucinta como a publicação foi criada, seu método de elaboração e seu conteúdo. Em seguida, o trabalho se atém privilegiadamente à venda do periódico, ou seja, ao momento em que os vendedores encontram seu público. Neste contexto, se revela fundamental a análise do espaço onde o jornal é proposto: nassinaleiras. O artigo almeja mostrar que a venda de uma publicação contestatória, como o Boca de Rua nas sinaleiras, é um ato de resistência no seio de uma cidade que se quer fluída, individualizada, segregada.

Palavras-chave

(1) jornal Boca de Rua; (2) cidade; (3) resistência; (4) escrita

And the car's window opens: the experience of urban resistance of Boca de Rua Journal

Abstract

This article discusses the Boca de Rua, a street paper written by homeless people in the city of Porto Alegre. The text tries to briefly contextualize how the publication had been created, as well as its preparation method and content. Following that, the work focuses on the sale of the journal, in other words, at the moment when the sellers meet their audience. In this context, it is important to analyse the place where the journal is offered, the traffic lights. The article aims to show that the sale of a contesting publication like Boca de Rua at the traffic lights is an act of resistance within a city that is both fluid, individualized and segregated.

Keywords

(1) Boca de Rua journal; (2) city; (3) resistance; (4) writing

⁽¹⁾ Este artigo aborda parte das questões desenvolvidas em mestrado realizado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), em Paris, entre 2007 e 2009.

⁽²⁾ Graduado em Psicologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em antropologia pela EHESS. É membro da equipe do jornal Boca de Rua desde 2004. Trabalhou dois anos no Macadam Journal, em Paris e elaborou o projeto de criação do jornal Clin d'œil, em Bujumbura, Burundi. Atualmente, é doutorando na Université Paris-Diderot, Paris. E-mail: manomadeira@hotmail.com

Abertura

Há exatos dez anos, em agosto de 2000, as jornalistas Rosina Duarte e Clarinha Glock foram à Praça do Cachorrinho, em Porto Alegre, determinadas a criar um jornal escrito por moradores de rua. Elas haviam deixado o jornal Zero Hora e, alguns meses antes, criado o grupo Alice¹ com o intuito de organizar veículos de comunicação destinados a preencher lacunas do jornalismo gaúcho - uma ambição, aliás, clássica do jornalismo alternativo, segundo Bruno Fuser (2005). Na Praça, elas encontraram três pessoas às quais propuseram a realização de um jornal: "Eles nos olharam como se fôssemos duas loucas!", dizem as duas aos risos. Porém, o trabalho foi pouco a pouco se pondo em prática em encontros semanais, e seis meses mais tarde, à ocasião do Fórum Social Mundial, foi lançada a primeira edição do jornal Boca de Rua, um simples quatro páginas em preto e branco vendido pelos próprios moradores de rua.

Paulatinamente, o Boca de Rua foi se tornando conhecido em Porto Alegre e atraindo participantes - como são chamados os moradores de rua que integram o Jornal. A Praça do Cachorrinho acabou se mostrando inapta para acolher os encontros do grupo, que desde então perambula pela cidade entre parques, canteiros ou espaços cedidos temporariamente por alguma instituição não-caritativa. Os participantes traziam amiúde consigo seus filhos, e a equipe optou então pela criação do Boquinha, expediente destinado às crian-

¹ Agência Livre para a Informação, Cidadania e Educação.

ças que escrevem duas páginas de cada edição, mas que são proibidas de vender a publicação nas ruas. Elas recebem, entretanto, uma ajuda de custo de R\$40,00 por mês, dinheiro que é entregue aos adultos responsáveis.

A equipe também seduziu grande número de estudantes de graduação e mestrado, que na maioria das vezes auxiliaram na elaboração do Jornal e, a partir desse trabalho, compuseram seus escritos acadêmicos. Ao longo dos anos, o Boca contou com o apoio de estudantes de universidades do Rio Grande Sul, do centro do Brasil e do exterior, vindos da França, Alemanha, Colômbia, México e Chile. Atualmente, o Boca de Rua é composto por um grupo de, em média, quarenta participantes e uma equipe de seis técnicos, sendo eles jornalistas, psicólogos ou estudantes destas duas áreas. O Jornal tem periodicidade trimestral, e imprime cerca de 12 mil exemplares por edição. Todo o dinheiro proveniente da venda da publicação permanece com os vendedores.

Método

O método de elaboração do Boca de Rua foi definido ao longo dos anos. No início, as jornalistas admitem que simplesmente entrevistavam os sem-teto e, com seus relatos, compunham a publicação. Aos poucos, os participantes passaram a ditar os textos, que eram anotados pela equipe. Apenas em 2004, a partir da formação de pequenos grupos de trabalho, os moradores de rua começaram realmente a escrever o Jornal. Nota-se que esse processo de apropriação da escrita foi concomitante à elevação da competência escolar dos participantes, visto que alguns deles dizem ter buscado uma escola e se alfabetizado justamente para poder escrever o Jornal de próprio punho (Alles, 2007). Cada grupo de trabalho abarca um responsável, membro da equipe, e um coordenador, membro do grupo de participantes. Os coordenadores são aqueles que portam o caderno para escrever os artigos em pauta, sendo que, evidentemente, todo o processo de escrita é discutido com o grupo de trabalho. Aliás, cada grupo escolhe o seu coordenador, e é importante que este não se repita de uma reunião a outra para garantir a pluralidade dos escritos.

Cabe aos responsáveis reunir os grupos, orientar a escrita dos artigos e organizar as saídas para reportagens e eventos. Embora o Boca de Rua tenha

mantido a periodicidade semanal das reuniões, os encontros em vista de produzir o Jornal se multiplicaram. A cada edição, os moradores de rua fazem reportagens, entrevistam, fotografam, participam de eventos e grupos de discussão. A única etapa de elaboração do jornal que estes ainda não tomaram parte é a edição, pois o Boca de Rua, por não ter uma sede, não dispõe também de computadores. Depois de findos, os artigos são apresentados a todos os participantes, que podem propor modificações e contribuições aos textos. Ao final das reuniões, cada participante recebe um lote de 40 jornais que são vendidos nas ruas ao preço de R\$ 1,00.

O financiamento do periódico é garantido pela equipe por intermédio de projetos, prêmios ou parcerias agenciados pela ONG Alice. No ano de 2010, por exemplo, as expensas do Boca de Rua serão pagas pelos fundos obtidos pela seleção da Alice como Ponto de Mídia Livre, prêmio criado pelo Ministério da Cultura, e por uma parceria da ONG com o jornal de rua alemão Biss.

Conteúdo

Desde o princípio, o Boca de Rua foi uma publicação contestadora das políticas públicas e da exclusão social, criticando a violência policial e o acesso à saúde pública, moradia, albergamento, educação. Porém, os primeiros números do periódico, devido até mesmo à sua forma de elaboração e tomados pelo afã de mostrar "a realidade da rua" (segundo jargão), eram extremamente crus e expositores dos participantes. O Jornal não hesitava em fotografar as cicatrizes dos moradores de rua ou relatar suas brigas, seus pequenos delitos, o consumo de drogas. Os artigos não conseguiam se descolar dos testemunhos: eram demasiado situacionais e muito pouco abstratos.

Uma análise mais demorada dos textos indica como os diferentes modos de fazer o jornal influenciaram na forma e conteúdo dos escritos (Madeira, 2009). De maneira geral, tomando os critérios de Walter Ong (1982), pode-se dizer que a evolução dos artigos do Boca de Rua denota certa passagem de um pensamento baseado na oralidade a outro que se sustenta pela escrita. Dito de outra forma, o Jornal tornou-se, aos poucos, mais analítico que agregativo, mais reflexivo e menos colado aos próprios autores.

Algumas das políticas públicas que a publicação contesta serão apresentadas ao longo deste artigo. Vale ressaltar, entretanto, que tal contestação ou resistência não se dá tão somente pelo conteúdo do Jornal, mas também pela sua forma de venda e, portanto, de relação com o espaço urbano.

Vendas I: trapaças, os impasses da tática

As jornalistas, Clarinha Glock e Rosina Duarte, mesmo depois de deixarem o Zero Hora, conseguiram acordar que este imprimisse o Boca de Rua a preços módicos. Impressos os primeiros números, elas partiram às vendas com os participantes, tarefa que imaginavam das menos árduas. Todavia, as primeiras aproximações já desvendavam importantes dificuldades que os moradores de rua encontrariam no contato com o público: os passantes não entendiam a proposta do jornal e suas recusas eram respondidas com improperios. Ademais, acreditando que ninguém se interessaria pelos exemplares, os vendedores diziam estar oferecendo um caderno do Zero Hora - cotidiano mais vendido do Rio Grande do Sul. O Boca de Rua, assim, começou a realizar encontros de capacitação em vendas e abordagem do público.

Mais tarde, com o aumento da sua popularidade, o Jornal valorizou-se de forma surpreendente. Os participantes superfaturavam os exemplares e com eles até pagavam dívidas, como se suas folhas fossem dinheiro. Eles passaram, contudo, a ser roubados enquanto dormiam, e os supostos vendedores do Boca de Rua sobejaram pela cidade. A equipe, deste modo, criou crachás com o nome e a foto dos vendedores autorizados, mas estes seguidamente alegavam havê-los perdido a cada nova reunião. Na verdade, o considerável espaço que o Boca de Rua ganhou na mídia regional, e mesmo nacional - sendo objeto de vinte minutos de uma edição do Globo Repórter, por exemplo - fez com que o simples pertencimento ao Jornal favorecesse àqueles que pedissem esmolas, e os participantes lucravam com a venda de crachás a terceiros.

A popularização do Jornal proporcionou mesmo uma curiosa trapaça que consistia em apresentar duas folhas do Zero Hora ao comprador como se fosse um exemplar do Boca de Rua. Ou seja, com o andar da carruagem, o gato e a lebre trocaram de posição. Explica-se: a maior parte da venda do Boca de Rua

se realiza em sinais vermelhos das maiores avenidas de Porto Alegre. Assim, os condutores não dispõem de longo tempo para avaliar o que compram. Porém, personne n'est dupe: qualquer motorista mais avisado ou atento notava que se tratava de um logro grosseiro, o que minava a credibilidade do Jornal.

Essa era, entretanto, apenas uma das artimanhas dos vendedores. Autorizados ou não, eles por vezes ofertavam um exemplar do Boca de Rua, recebiam o pagamento correspondente, mas não entregavam o jornal. Ressalta-se que os exemplares eram distribuídos nas segundas-feiras, e os participantes os vendiam todos em um dia ou dois. Desta forma, os vendedores que não tinham outra atividade, na maior parte do tempo, ou pediam contribuições pelo fato de pertencerem ao periódico ou empregavam meios escusos para, através dele, obterem proveito.

A equipe buscou criar meios de identificação dos vendedores autorizados envolvidos nos problemas das vendas, divulgou um endereço eletrônico para denúncias, suspendeu vários participantes e até expulsou um deles. Entretanto, ela não conseguiu preservar a imagem do Jornal frente à deterioração que tais dificuldades acarretavam. O aumento das denúncias abalou a parceria que garantia a impressão dos jornais, que se tornou significativamente mais onerosa. Os lotes semanais passaram de quarenta a vinte exemplares, e a queda das vendas foi vertiginosa. Cabe salientar, entretanto, que apesar das punições e da diminuição das quotas, pouquíssimas pessoas deixaram a publicação, o que fortificou a impressão da equipe de que o engajamento dos participantes no Boca de Rua se devia a razões que não se restringiam ao aporte financeiro que este propiciava. Atualmente, o periódico restabeleceu seus antigos parâmetros de exemplares impressos, mas ainda sofre com depreciações de quem questiona a seriedade do seu trabalho, mesmo que os problemas das vendas, já há algum tempo, tenham diminuído consideravelmente.

Vendas II: trapaças, os cortes da estratégia

Foi no outono de 2005 que uma reportagem do Zero Hora aguçou uma das questões de reflexão da presente pesquisa: a relação do Boca de Rua com o espaço urbano. O artigo intitulado "Camelódromo Ipiranga" foi anunciado na

contracapa da edição com uma grande foto que mostrava dois vendedores do Boca de Rua e um vendedor de laranjas oferecendo seus produtos aos condutores. Aliás, curiosa imagem, pois até então aquele sinal vermelho era ponto de venda habitual do Zero Hora. O texto apresentava ao leitor "o paraíso do comércio informal", ou seja, a Avenida Ipiranga, via de "10,2 km e 19 pontes" que possibilita a circulação diária de "60 mil veículos", e que infelizmente havia se tornado "uma corrida de obstáculos ao motorista que almeja algo simples: chegar em casa em paz e tranquilidade" (Camelódromo Ipiranga, 2005, p.38). Uma relação de sujeitos que estorvam o dito motorista de desejo e destino tão transparentes é arrolada: "vendedores de frutas e bugigangas, fanáticos religiosos, mendigos, pedintes e artistas improvisados que mostram sua 'arte' por alguns trocados" (Camelódromo Ipiranga, 2005; p.38) e os vendedores do Boca de Rua se fazem igualmente presentes.

Extra! Extra! Jornal aqui
 Maltrapilho, o mendigo se aproxima dos carros e, em tom calmo e cordial, solicita uma contribuição. É para o jornal Boca de Rua, explica. Poucos compram, mas ele sorri conformado. Ao lado, em cima da mureta da ponte, sua companheira dorme, equilibrada sabe-se lá como". (Camelódromo Ipiranga, 2005, p.38).

Afora a crueza com que o artigo caricatura os ambulantes, o que impressiona nessa matéria é o corte que subliminarmente se propõe, pois somente os vendedores informais são citados. Perambulando algumas poucas horas pelas ruas de Porto Alegre, recolhi todas as propagandas que me foram ofertadas. Minha lista de não-bugigangas inclui: caderninhos de vinte páginas em cores com produtos de supermercados, folders de tamanho A4 plastificados que oferecem conforto e segurança em apartamentos ou condomínios com musculação e piscina, santinhos de propaganda eleitoral (numa das sinaleiras, distribuídos por um boneco gigante), cartazes e flyers de concessionárias de automóveis, panfletos de seguro de saúde, de restaurantes, de casas noturnas, de especialistas em "gestão de pessoas", de cursos de "aprendizagem acelerada e memorização", de fundos de investimento: "tudo está o tempo

O Social em Questão

todo circulando. E o seu dinheiro, vai ficar parado?". Essa seja parte da lista das propostas que não atrapalham o condutor imaginado pelo jornalista do Zero Hora, e isso inclui a do próprio jornal, pois este é igualmente vendido nas sinaleiras.

A demarcação conotada pela reportagem, que indica o que é obstáculo e o que não o é, evoca o caráter "disputável" do espaço público sustentado por Isaac Joseph (1984). Se os lugares da cidade são "mercado" e não podem ser pensados desvestidos de seu cunho "funcional" (Santos, 2005, p.102), coube a este trabalho pensar por que as sinaleiras foram palco de tal disputa, e, outrossim, qual é a função que exerce o jornal Boca de Rua nesse espaço.

Parênteses metodológico: resistências

Michel Foucault propunha, como modo de investigação, que se tomassem "as formas de resistência aos diferentes tipos de poder como um ponto de partida²" (1994a, p.1044). Para Foucault, as resistências são potenciais "catalisadores químicos que permitem evidenciar as relações de poder, de ver onde elas se inscrevem, de descobrir seus pontos de aplicação, e os métodos que elas utilizam". Assim, as relações de poder não são incompatíveis com as resistências, ao contrário, elas são indissociáveis e estão condicionadas umas às outras (1994b, p.126).

Vale lembrar que Foucault dessacralizou a noção de poder, ao desfazer a amarração peremptória deste ao estado ou às formas de dominação, e ao sustentar suas implicações nas filigranas do cotidiano (1994c, p.1181). Ademais, o poder não existe em si, mas em "relações de força que são imanentes ao domínio onde se exercem, e são constitutivas de sua organização" (2007, p.121). As relações de poder são, assim, móveis, reversíveis, instáveis e atravessam práticas, saberes e instituições.

L'oiseau vient d'en haut comme le pouvoir. Il s'abat sur la force qui, elle, vient d'en bas, et qu'il veut maîtriser. Mais au moment

² As traduções do francês, presentes nesse artigo, foram feitas pelo autor.

où il approche de cette force terrestre, plus vite pourtant, et plus brûlant que le soleil, il se décompose et tombe disloqué " (Foucault, 1994d, p.1272)³.

Relações de poder são compostas, portanto, por "estratégias e táticas" (Foucault, 1994a, p.229), e nosso objetivo é, pois, salientá-las no que concerne à venda do jornal Boca de Rua nas sinaleiras de Porto Alegre. Menos como demonstração que como o tateamento de hipóteses, prováveis estratégias e táticas implicadas a esta prática serão lançadas para que ela, enfim, possa ser repensada.

As ruas na cidade contemporânea, lugar de passagem

Idelfonso Cerdá é apontado por muitos como o fundador da noção de urbanismo, sendo seu tratado, intitulado Teoria Geral da Urbanização, considerado o primeiro texto moderno do gênero. Nessa obra, publicada em 1867, Cerdá manifesta repetidamente a necessidade de adaptação da cidade à civilização moderna, "filha do vapor, da eletricidade e do movimento, que derruba todos os obstáculos" (Cerdá, 1979, p.120-1). Assim, a velocidade dos deslocamentos e, portanto, a construção de vias que a possibilitem é ponto-chave dessa transformação: a cidade deve aderir "aos maravilhosos meios de locomoção modernos", sob risco de tornarem-se "monumentos históricos, veneráveis, mas inúteis".

Os anseios de tornar as ruas da cidade um espaço de movimento fluido são antigos e possuem diversas razões, manifestas ou nem tanto, desde salientar monumentos importantes ou facilitar o deslocamento dos soldados, até alijar classes sociais. Neste contexto, segundo Choay e Merlin, a obra de Cerdá é representativa de um século que viu "se hipertrofiar a função circulatória da rua" (1988, p.791), ou seja, as vias urbanas foram paulatinamente tornando-se simples espaços de passagem. No século XX, a popularização do

³ "O pássaro vem do alto como o poder. Ele cai sobre a força que vem de baixo, a qual ele quer dominar. Mas no momento em que ele se aproxima dessa força terrestre, embora mais rápido, e mais ardente que o sol, ele se decompõe e tomba desmanchado".

automóvel acentuou tais aspirações de modo substancial, ao ponto da sua potência ser fator determinante nos projetos de urbanização (Choay, 2006). Embora poucos de seus projetos tenham sido postos em prática, Le Corbusier foi um dos autores mais influentes desse tipo de urbanismo, propondo a construção de ruas dissociadas dos imóveis da cidade. Ele as nomeou "autódromos para circulação rápida em sentido único" (2004, p.161), as quais, segundo Marcel Hénaff, seriam "mornas bandas de circulação" (2008, p.204). A cidade contemporânea, enfim, se quis mais fluida, e esse imperativo foi ao mesmo tempo causa, condição e resultado do seu desenho (Santos, 2006).

Numerosos foram os autores que viram nessa nova configuração do espaço urbano uma tendência ao evitamento do outro. Marc Augé caracterizou as novas vias como um não-lugar, "prometido à individualidade solitária, ao provisório e ao efêmero" (1992, p.101). Analisando as cidades americanas, Jane Jacobs (1991) assinala a escassez dos espaços de encontro no seio da urbe, e a dificuldade de construção de uma consciência cidadina. Para Richard Sennett, o imperativo de fluidez do tráfego urbano visa liberar da resistência que acarretaria o contato com o outro, o desconhecido, o estrangeiro (1979, p.23 e 1994; p.265). A velocidade tornou-se, portanto, um fator de exclusão (Bauman, 2001, p.173), em cidades onde "estacionar é morrer" (Virilio, 1977, p.130).

Cabe-nos, doravante, pensar a condição do morador de rua na cidade contemporânea, especificamente dos vendedores do Boca de Rua em Porto Alegre. Se os cruzamentos são tidos como "os principais inimigos da circulação" (Le Corbusier, 2004; p.161), como se relacionam com a urbe aqueles que vivem sob viadutos (a supressão por excelência do cruzamento) e trabalham nas sinaleiras?

Porto Alegre, marco histórico

As transformações das cidades, como o alargamento e reorganização das vias para facilitar a fluidez do tráfego, não são, evidentemente, estrangeiras a Porto Alegre. Data de 1914 o Plano de Melhoramentos e Embelezamentos da Capital, elaborado pelo engenheiro-arquiteto João Moreira Maciel, a pedido

do então intendente José Montauray. O Plano escrito por Maciel era "essencialmente viário", procurando abrir novas avenidas, prolongar e alargar as ruas antigas (Monteiro, 1995, p.92). Montauray já se destacara pelas obras para facilitar a circulação na cidade, mas o projeto de Maciel mostrou-se demasiado oneroso, sendo apenas em 1924, após a eleição do prefeito Otávio Rocha, que algumas obras previstas no Plano foram realizadas.

O governo Otávio Rocha varreu bairros populares, construiu e alargou vias, ampliou os serviços de transporte público, melhorou as condições de higiene e saneamento básico. Assim, o antigo Plano de Melhoramentos e Embelezamentos ganhou novos contornos discursivos: além da maior velocidade de circulação, argumentava-se que ele traria diversos benefícios à capital, tornando-a mais higiênica, segura, bela, iluminada e arejada. Manifestamente, tais transformações também visavam cindir bairros nobres de populares, empurrando os sujeitos possivelmente perigosos à periferia.

O que nos interessa aqui, entretanto, é simplesmente assinalar que as mudanças da malha viária urbana de Porto Alegre atravessaram o século, e desde o princípio estavam preocupadas com a adaptação da cidade ao automóvel. Nota-se que, ao final do mandato de Otávio Rocha, o governo organizou a primeira Exposição Riograndense do automóvel, que simbolizava os sonhos da burguesia ascendente: "visibilidade e velocidade, deslocar-se através da cidade rapidamente, o automóvel era o símbolo dessa nova liberdade burguesa em questão" (Monteiro, 1995, p.141). Quando da administração de Loureiro da Silva (1937 - 1943), a capital conheceu a retomada das obras viárias. Uma das justificativas que as motivavam era, logicamente, "dar maior vazão ao tráfego, cada dia mais intenso, em face do crescente número de veículos de todas as espécies" (1982, p.248). De fato, em vinte e cinco anos, entre 1950 e 1975, a população de Porto Alegre duplicou e o número de automóveis foi multiplicado por vinte (Facarq, 1980, p.112). Assim, os anos 70 marcaram a retomada dos melhoramentos: em 1972, a capital viu findas as obras da primeira perimetral - antigo projeto de Moreira Maciel -, e em 1975, foi terminada a construção de cinco novos viadutos. A derradeira grande obra do gênero realizada na cidade foi a

abertura da terceira perimetral, durante o mandato de Tarso Genro (2001 - 2002) e João Verle (2002 - 2004). Destaca-se, assim, que tais transformações foram historicamente priorizadas, ao contrário das implementações de transportes coletivos ferroviários ou hidroviários que não saíram do papel: "Toda a estrutura da cidade foi se modificando em função da possibilidade do deslocar-se privado em detrimento do transporte coletivo [...]. Dá-se forma a uma nova cidade, experienciada velozmente e individualmente no conforto da poltrona automotiva" (Costa, 2007, p.93).

Porto Alegre, city of quartz?

Em seu célebre livro intitulado *City of quartz*, Mike Davis afirma que a esquizofrenia securitária de Los Angeles acarretou uma espécie de política "antimendigo" (Davis, 2006, p.213), posta em evidência pelas transformações do espaço público. Para impedir que os moradores de rua permanecessem nos parques, a prefeitura suprimiu ao máximo os banheiros públicos, tornou os bancos desconfortáveis, contratou vigias armados, instalou câmeras de segurança e até regadores noturnos automáticos. Ela também proibiu sistematicamente as organizações de acampamentos para moradores de rua, e alguns deles foram mesmo deportados da cidade e mantidos em fazendas. Segundo Davis, Los Angeles, que já havia transformado suas ruas numa simples rede de evacuação de automóveis, é uma cidade que não permite que os moradores de rua parem, devendo circular constantemente como "beduínos": o objetivo da prefeitura parece ser "tornar-lhes a vida impossível" (Davis, 2006, p.216).

Ora, com o tempo, tais políticas foram postas em prática em diversas cidades e Porto Alegre não foi exceção: a prefeitura também tentou armar a guarda municipal que vigia as praças da cidade, organizou batidas para dispersar moradores de rua e suprimiu até os bancos das paradas de ônibus. Uma pequena pesquisa nos arquivos do jornal Zero Hora teve por objetivo ilustrar essas ações, e lançar pistas sobre a forma como os moradores de rua são evidenciados ao público. Após a gentil autorização do periódico, analisou-se em seus arquivos digitalizados todos os artigos que continham as palavras "morador de rua, mendigo, indigente, sem-teto" entre os anos de 2004 e

2008⁴. Encontrou-se em torno de 200 matérias e, eliminando-se as sinopses de filmes e artigos afins, 172 foram recolhidas, sendo que 140 abordavam moradores de rua de Porto Alegre. Destas 140 matérias, 115 tratavam do incômodo relacionado à presença dos moradores de rua no espaço público e apenas duas apresentavam projetos sociais propostos em benefício desta população.

A análise discriminou três assuntos que concentraram a maior parte destes 115 artigos: o transtorno ocasionado pela existência de moradores de rua em praças, pontes e sinaleiras. De fato, as ações realizadas pela prefeitura da cidade, principalmente a partir de 2005, parecem ter priorizado a dispersão dos sem-teto. Um projeto de "revitalização" de parques e praças, conduzido pela Secretaria do Meio Ambiente (SMAM), foi implementado nos bairros nobres da capital, desalojando moradores de rua e recolhendo seus pertences. Neste contexto, a Praça Garibaldi se tornou um espaço curioso de litígio, no qual, frente à resistência dos habitués em deixá-lo, a polícia interveio diversas vezes e sobre o qual o Zero Hora escreveu com frequência incomum. Após muito insistir em seus "mutirões de limpeza" (Sem-teto na capital chegam a 4,7 mil, 2006, p.43), a polícia conseguiu desacomodar os intrusos, e o Zero Hora lançou chamado à população para ocupar o local, afirmando em sua manchete que "praças são recuperadas, mas ficam sem usuários" (grifos meus): "Tão ou mais importante que a intervenção, é o uso da comunidade. A frequência vai expulsar o mau elemento", afirma o secretário da SMAM (Sem-teto na capital chegam a 4,7 mil, 2006, p.43).

Alguns meses antes, o Jornal publicara uma pesquisa afirmando que o número de moradores de rua em Porto Alegre era de 4,7 mil (Sem-teto na capital chegam a 4,7 mil, 2006, p.34)⁵. Sabendo-se que o número de vagas

⁴ Essas datas foram definidas em função do principal período da nossa pesquisa. À guisa de curiosidade, tal período é correspondente ao governo João Verle (PT) (2002 - 2004) e ao primeiro mandato de José Fogaça (PPS-PTB) (2005 - 2008).

⁵ Essa pesquisa foi organizada pela Fundação de Assistência Social e Cidadania, a FASC, órgão da prefeitura de Porto Alegre. Quer-se aqui pensar, portanto, como a prefeitura apresenta sua própria política, já que variadas pesquisas buscaram estipular a quantidade de moradores de rua na capital e o número varia consideravelmente.

em abrigos e albergues ofertadas pela prefeitura é de 730, questiona-se sobre as pretensões de tais políticas se não, simplesmente, a de dispersar os sem-teto. Neste élan, decidiu-se construir muros de pedra para impedir que os moradores de rua dormissem embaixo das pontes, numa ação que o Zero Hora chamou de "obra antimendigo" (Obra antimendigo, 2007, p.54). Anteriormente, a polícia já havia realizado sucessivas blitz sob as pontes com o intuito de dissuadir as pessoas dali permanecerem.

As vendas nas sinaleiras, criticadas pelo Zero Hora (ver exemplo acima), não reverberavam, por seu turno, ações sistemáticas da prefeitura. Quiçá, estes sejam um dos últimos espaços de Porto Alegre que os moradores de rua ainda possam se endereçar ao Outro, ao público de forma geral. Em uma cidade que se quer tão segregada, fazê-lo parece ser um ato de resistência.

"À imagem de Nosso Senhor, Jesus Cristo: ele baixou o vidro!"

"À imagem de Nosso Senhor, Jesus Cristo: ele baixou o vidro!" É assim que, de joelhos, José oferece o Boca de Rua aos motoristas mais acolhedores de sua proposta. Seu teatro tenta suavizar o possível embaraço do encontro com o desconhecido num espaço público aparentemente cada vez mais hostil. O grito de aleluia almeja colocar em palavras a distância que o vidro representa, as estratégias quase explícitas atreladas àquela fronteira cada vez mais opaca: fluir e proteger-se. Caçado dos possíveis espaços de encontro, José o força e passa horas nos poucos locais de parada da cidade, cuja barreira física ainda se restringe a uma camada de vidro. Quando o carro acelerar, ele, homem lento, terá perdido a chance do contato com aquele que pouco mais tarde trocará o vidro por paredes, portões, guardas, câmeras. José tem poucos segundos, mas quer dizer-lhe algo: escrevendo, pois, tenta fazer-se ouvir.

As vozes mais céticas em relação ao trabalho do Boca de Rua afirmam que sua venda deve-se unicamente ao espírito caritativo dos compradores. Fizeram-se, dessa forma, três enquetes de um mês cada, durante três anos diferentes, de 2006 a 2008, para registrar por anotações e vídeos os encontros entre vendedores e condutores. A análise exaustiva e sistemática desse material desvenda, como se poderia imaginar, a coexistência de diversos discursos,

seja dos participantes ou dos clientes, que vão da caridade a discussões efêmeras que se repetem e que, mediados pela escrita, tecem laços, misturam vozes (Madeira, 2009). Assim, do mesmo modo que os vendedores apresentam o jornal e, às vezes, pedem uma "contribuição aos moradores de rua", eles também buscam significar o trabalho como meio de expressão - como mostra o exemplo abaixo.

Data: 04/08/2008

Paulo (vendedor): "Bom dia senhora, meu nome é Paulo Ricardo da Silva e esse é o jornal Boca de Rua, o jornal feito pelos moradores de rua de Porto Alegre que tão aí lutando para serem ouvidos. Apenas R\$ 1,00".

Motorista: "Obrigada" - a condutora compra o exemplar sem quase nada dizer.

Paulo: O jornalzinho é feito por nós mesmos, viu senhora? Nós estamos aí trabalhando - retifica o vendedor.

Um dia depois, a mesma motorista se aproxima, Paulo, sem perceber repete seu jargão e ela o interrompe: "Comprei ontem! Tá muito bom! Gostei... Aquela matéria da sinaleira tá dez! É isso aí!". A cliente se referia à reportagem sobre as vendas nos sinais vermelhos, já que o Zero Hora fizera uma nova série de matérias sobre o "constrangimento" nas sinaleiras da capital. A resposta do Boca de Rua foi explícita, esclarecendo como o jornal é feito, tentando desmistificar a imagem dos participantes, pedindo um "sinal verde" ao respeito: "Falam em constrangimento, é? Constrangimento é chegar perto de um carro e ver o vidro fechar. [...] Constrangimento é ter que revirar lixeira para engolir algo. E o maior de todos os constrangimentos é ser ignorado. É quando nem olham prá cara da gente, quando fazem de conta que somos invisíveis" (Falam em constrangimento, é?, 2008, p. 1)

Os vendedores costumam conservar seus locais de venda justamente para tornarem-se conhecidos dos passantes e escoar os exemplares com mais facilidade. Algumas pessoas tornam-se, assim, compradores frequentes, e, como as novas edições são impressas apenas a cada três meses, é mais comum que os encontros entre clientes e vendedores sejam antes uma conversa relâmpago

que um ato mercantil. Exemplo:

Motorista: Ô Paulo, brincadeira esses caras, né cara? (Refere-se ao Zero Hora) Eles nem vergonha mais têm... Muito bom o texto de vocês.

Paulo: É... A gente "tá aí" lutando, fazendo o jornalzinho da gente, e tentando falar as coisas da nossa realidade das ruas aí...

Motorista: Mas e aí, "ta" vendendo bem... Mudou alguma coisa? (Depois da reportagem do Zero Hora).

Paulo: Olha, assim, tem piorado, tudo tem piorado um pouco... Mas quem comprava e conhece "nós" continua comprando, a gente "tá aí" lutando...

A sinaleira abre, o "até logo" se perde entre o ruído dos motores. Um conjunto de táticas e estratégias possibilitou o fugaz encontro; da parte de Paulo, uma posição específica que lhe permite rever o interlocutor e a utilização da escrita como meio de expressar o que ele não pode dizer naqueles poucos segundos. A escrita, aliás, alcança aqui uma de suas determinações principais que lhe confere Roland Barthes, esta de ser "destinada a triunfar sobre o tempo" (2005, p.56). A matéria do jornal se mostra um "escrito de ação" (Fraenkel, 1988), no qual o que é dito é reflexo da forma como o periódico é oferecido ao público. Ao diferenciar táticas de estratégias, Michel de Certeau (2008) concebe a primeira como "a arte do fraco" e a outra como uma ação que parte de um postulado de poder (p.61-2).

As estratégias apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo; as táticas apontam para uma hábil utilização do tempo, das ocasiões que apresenta e também dos jogos que introduz nas fundações de um poder (p.63).

Portanto, frente ao estabelecimento estratégico de uma malha urbana que quer eliminar a perda do tempo (e, acrescenta-se, de políticas públicas que aparentam almejar o desaparecimento dos sem-teto), o vendedor do Jornal contrapõe uma tática que utiliza, por intermédio da escrita, o pouco tempo que

lhes resta. O Boca de Rua anela, enfim, ser resistente à impessoalidade do espaço público, ao imperativo de desaparecimento que lhes é imposto, ao deslocamento individual e segregado, ao silêncio dos moradores de rua da cidade onde moram.

Recebido em agosto de 2010, aceito para publicação em outubro de 2010.

Referências bibliográficas

ALLES, Natália. *A voz dos integrantes do Jornal Boca de Rua: uma prática de comunicação comunitária*. Monografia de Graduação em Jornalismo. Porto Alegre: PUCRS, 2007.

AUGE, Marc. *Non-lieux*. Paris: Seuil, 1992.

BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte et Variations sur l'écriture*. Paris : Seuil, 2000.

CAMELÓDROMO IPIRANGA. *Zero hora*, Porto Alegre, 18.maio 2005. p. 38.

CERDA, Idelfonso. *La Théorie générale de l'urbanisation*. Paris : Seuil, 1979.

CERTEAU, Michel de. *L'invention du quotidien I: arts de faire*. Paris: Gallimard, 2008.

COSTA, Artur. *Brutas cidades sutis*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

CHOAY, Françoise. *L'urbanisme, utopies et réalités*. Paris: Seuil, 2006.

DAVIS, Mike. *City of quartz: Los Angeles, capitale du futur*. Paris: La Découverte, 2006.

LE, CORBUSIER. *Urbanisme*. Paris : Flammarion, 1994.

FACARQ-UFRGS. *Urbanização de Porto Alegre*. Porto Alegre: Faculdade de Arquitetura da UFRGS, 1980.

FALAM EM CONSTRANGIMENTO, É? *Boca de rua*, Porto Alegre, n.29, jul.-ago-set., 2008.

FOUCAULT Michel. *Les rapports de pouvoir passent à l'intérieur du corps* In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits I - 1954-1975*. Paris : Gallimard, 1994a. p.228-236.

FOUCAULT, Michel. *Questions à Michel Foucault sur la géographie*. *Dits et écrits II - 1976-1988*. Paris: Gallimard, 1994b. p.28-40.

FOUCAULT, Michel. *Les intellectuels et le pouvoir*. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits I - 1954-1975*. Paris: Gallimard, 1994c. p.1174-1184.

FOUCAULT, Michel. La force de fuir. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits I - 1954-1975*. Paris : Gallimard, 1994d. p.1269-1273.

FOUCAULT Michel. Le sujet et le pouvoir. In: Dits et écrits II - 1976-1988. In: FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits I - 1954-1975*. Paris : Gallimard, 1994e. p.1041-1061.

FOUCAULT, Michel. *La volonté de savoir*. Histoire de la sexualité I. Paris : Gallimard, 2007.

FRAENKEL Béatrice. La resistible ascension de l'écrit au travail. In : FRAENKEL Béatrice et BORZEIX Anni (Org). *Langage et travail: communication, cognition, action*. Paris: CNRS, 1988. p.113-143.

FUSER, Bruno. *Comunicação alternativa: cenários e perspectivas*. Campinas : UNICAMP, 2005.

HÉNAFF, Marcel. *La ville qui vient*. Paris : L'Herne, 2008.

JACOBS, Jane. *Déclin et survie de grandes villes américaines*. Paris : Pierre Marnaga, 1991.

JOSEPH, Isaac. *Le passant considérable: essai sur la dispersion de l'espace public*. Paris : Librairie des Méridiens, 1984.

MADEIRA, Manoel. *Journaux de rue: de l'insertion des écrits aux écrits d'insertion*. Mémoire de Master. Paris : École des Hautes Études em Sciences Sociales, 2009.

MERLIN, Pierre ; CHOAY Françoise. *Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement*. Paris: PUF, 2005.

MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

OBRA ANTIMENDIGO. Zero hora, Porto Alegre, 11 jan. 2007. p.54.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. Campinas: Papyrus, 1998.

PETERSEN FILHO, Germano. *Porto Alegre: história e urbanização*. Canoas: La Salle, 1982.

PRAÇAS SÃO RECUPERADAS, MAS FICAM SEM USUÁRIOS. *Zero hora*, Porto Alegre, 04 jul. 2007. p.43.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: EDUSP, 2005.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: EDUSP, 2006.

SEM-TETO NA CAPITAL CHEGAM A 4,7 MIL. *Zero hora*, Porto Alegre, 22 jan. 2006. p.34.

SENNETT, Richard. *Les tyrannies de l'intimité*. Paris : Seuil, 1979.

SENNETT, Richard. *La chair et la pierre*. Paris: Les éditions de la passion, 2002.